

Tudo certo, compadre?

Cenatexto

Dr. Danilo Peçanha, advogado de Dimas, nasceu numa pequena cidade do interior. Entretanto, reside há muitos anos na capital, onde casou e teve três filhos. O mais velho, Herculano, é professor de português e escritor. No lançamento de seu primeiro livro de poesias, convidou alguns conterrâneos de seu pai. Acompanhe.



Na varanda da casa principal da Fazenda Três Barras conversam o fazendeiro Duduca Lemos e seu braço direito, Zequinha, filho de Antônio Dino:

- Lembra do Danilo, Zequinha? O filho do Murilo Peçanha, o dono do cartório, lembra dele?

- Lembro, sim. A gente fez o primário junto. Até um pouco do ginásio. Depois, eu saí da escola. Naquele época, filho de pobre com o primário completo já tava bão demais. Depois, ele foi pra capital, terminar o segundo grau, não foi?

- Foi, mas todas as férias tava aí. A amizade de Danilo comigo começou quando ele tava terminando o ginásio. Eu tinha tomado umas três bombas, não gostava mesmo de estudar, meu negócio era a fazenda. Às vezes, ficava aqui dez, quinze dias sem ir à cidade. No começo, papai forçava, falava da importância do estudo; mas não convencia ninguém, porque a vida dele dizia o contrário. Hoje, arrependo.

- Pois é, seu Duduca, eu tinha gosto, mas filho mais velho, muitas bocas pra comer e poucos braços pra trabalhar, acabei no cabo da enxada como meu falecido pai.

- Mas, como eu tava dizendo, fiquei amigo do Danilo a partir do namoro dele com a Quitéria, irmã da Alma, minha mulher. A gente ia junto pra casa delas: eu, já mais experiente, falava de certas coisas pra ele. Nessa época, quase todo fim de semana a gente vinha aqui pra fazenda. Foi quando o Danilo aprendeu a andar a cavalo, tirar leite, tratar do gado, apartar as vacas, subir em árvores, e outras coisas.

- Dona Quitéria namorou o dr. Danilo?

- Namorou, mas pouco tempo. Logo o Danilo foi pra capital e o namoro foi esfriando. Dois anos depois, o Danilo arrumou namorada na faculdade onde estudava. Formaram pra advogado e, no ano seguinte, se casaram.

- Duduca, quer o café agora? - pergunta Alma, lá de dentro.

- Ainda não, mulher. Tô numa prosa boa aqui com o Zequinha. Daqui a pouco.

- Acabou o namoro, mas a amizade entre a gente continuou. Interessante, Zequinha, a amizade, tô pensando agora... Pra ser amigo, não precisa ser igual. Vê a gente: sou seu patrão e somos amigos. Vê o Danilo: sabe muito mais que eu, vive na capital, e a gente é amigo. Vi os filhos dele pequenos, brincando aí na frente, correndo pra lá e pra cá. Herculano, professor de Português e escritor, sempre teve um amor muito grande pelas coisas aqui da roça. Mesmo a Alma, que não gosta de quase ninguém, tem carinho por ele.

- Herculano gosta das histórias do povo daqui.

- Pois é, Zequinha, o Herculano escreve poesias. Agora, vai sair um livro dele, só de poesias. Alma, ô Alma, traz aí a carta que o Herculano mandou pra gente. Você ainda sabe ler, Zequinha?

- Que é isso, seu Duduca! Sei sim, isso a gente destreina, mas não desaprende.

- O Herculano é meu amigo, Zequinha. Só não temos a mesma intimidade que tenho com o pai dele, mas gosto muito dele e sei que ele também me considera muito.

- É, seu Duduca, a gente percebe quando ele vem aqui.

- É isso mesmo, mulher. Toma aí, Zequinha, vê o convite que ele mandou:

Herculano Peçanha

A vida de cada dia

*A vida de cada dia
tem mais de prosa que de poesia.
É um arrozinho-com-feijão
quase sem tempero.
É preciso ter fome
para viver com vontade cada dia.*

A Editora Nosso Livro tem o prazer de convidar V.Sa. para o coquetel de lançamento do livro *A vida de cada dia*, do poeta Herculano Peçanha, que será realizado no dia 6 de junho de 1995, às 21 horas, na Livraria Geraes, à Av. Ribeiro de Abreu, 385, Centro.

A poesia de Herculano Peçanha tem o gosto e a força da terra brasileira. Neste seu primeiro livro, Herculano mostra uma grande sensibilidade diante da miséria, da solidão, das agruras vividas pelo nosso povo. É raro acontecer de um escritor tão jovem apresentar tamanha maturidade. A simplicidade dos poemas de Herculano Peçanha é própria dos grandes escritores. Sua matéria-prima é o dia-a-dia transfigurado numa poesia que, em alguns momentos, nos atinge como um golpe na face e, em outros, como suave brisa que nos acaricia.

Dicionário

Naturalmente, percebemos que o significado de uma palavra só pode ser definido considerando-se o contexto em que ela aparece. Ainda que haja um dicionário para consulta, é necessário ir além dele para buscar o melhor sentido da palavra no texto.

1. Reescreva as frases seguintes substituindo a expressão destacada pelo sinônimo (palavra com o mesmo sentido) mais adequado. Consulte o dicionário caso haja necessidade:
 - a) “A amizade de Danilo comigo começou quando ele tava terminando o *ginásio*.”
.....
 - b) “Eu *tinha tomado* umas três *bombas*, não gostava mesmo de estudar, meu negócio era a fazenda.”
.....
 - c) “Foi quando o Danilo aprendeu a andar a cavalo, tirar leite, tratar do gado, *apartar as vacas*, subir em árvores (...)”
.....
 - d) “*Formaram pra advogado* e, no ano seguinte, se casaram.”
.....
 - e) “Tô numa *prosa* boa aqui com Zequinha.”
.....

No convite que Herculano mandou para Duduca, há um comentário sobre o livro que será lançado. Ali aparecem algumas palavras que quase não usamos na fala. Veja algumas delas e seus significados:

sensibilidade: sentimento, emoção, afetividade;
agrura: dissabor, amargura, aflição, dor;
maturidade: prudência, sabedoria, cuidado;
transfigurado: mudado, transformado.

Entendimento

1. Que motivos levaram Duduca a parar de estudar? Foram os mesmos motivos que fizeram Zequinha parar? Comprove sua resposta, citando partes do texto.
2. Duduca afirma que o pai falava da importância do estudo, mas não convencia ninguém, porque a vida dele dizia o contrário. Como você imagina que era a vida do pai de Duduca? E a do pai do Danilo?
3. A certa altura da conversa, Duduca afirmou que “*pra ser amigo, não precisa ser igual*.” Para justificar essa posição, falou da relação entre ele e Zequinha, e entre ele e Danilo. Há outra relação que também confirma o que está dito. Qual é?
4. A partir das informações que estão colocadas no texto, escreva um parágrafo descrevendo o Herculano.
5. Pelas informações do texto, podemos dizer que Alma continuou amiga de Danilo mesmo depois que ele desfez o namoro com Quitéria. Qual a comprovação disso?
6. Qual a relação entre Herculano e sua terra natal?



A conversa entre Duduca e Zequinha é bastante informal, própria para o ambiente e a relação entre pessoas amigas e simples. O tom da conversa é o da língua falada, ou seja, da **oralidade**. Não há nada de errado nisso, mas é preciso saber a **diferença entre falar e escrever**. Assim, a reescritura de hoje tratará da passagem dessa língua falada para a língua padrão da escrita. Observe as frases:

“Interessante, Zequinha, a amizade, tô pensando agora...” (fala)
Estou pensando agora, Zequinha, como a amizade é interessante... (escrita)

Numa conversa informal, pronunciamos as palavras de outro modo (dizemos **bão, muinto, inté, mulé**), eliminamos partes das palavras (falamos **prá, pro, prum, tá, qué**), omitimos os complementos, mudamos a regência de verbos e nomes, fazemos outras colocações das palavras nas orações, usamos expressões de reforço que não são necessárias na escrita (tais como **né, certo?, sabe?**) etc.

Agora, de acordo com o modelo, reformule as frases seguintes na língua padrão da escrita:

“Mas, como eu tava dizendo, fiquei amigo do Danilo a partir do namoro dele com a Quitéria, irmã da Alma, minha mulher.”

Reescritura: *Como eu vinha contando, tornei-me amigo do Danilo quando ele começou a namorar Quitéria, irmã de Alma, hoje minha esposa.*

- a) *“Foi, mas todas as férias tava aí.”*
.....
- b) *“Tô numa prosa boa aqui com o Zequinha.”*
.....
- c) *“Alma, ô Alma, traz aí a carta que o Herculano mandou pra gente.”*
.....
- d) *“Hoje, arrependo.”*
.....
- e) *“Formaram pra advogado e no ano seguinte casaram.”*
.....
- f) *“Naquela época, filho de pobre com o primário completo já tava bão demais.”*
.....



Aprofundando

Ao começar a falar, uma criança usa palavras soltas. Com o passar do tempo, ela vai agrupando as palavras em **orações**. A oração é um grupo de palavras unidas, com um verbo. Além disso, temos os **períodos**, que podem ser de dois tipos:

Períodos simples: compostos de apenas uma oração.

Períodos compostos: compostos de mais de uma oração.

Apesar de um período composto ter várias orações, ele só tem um ponto final. Observe esses períodos retirados da Cenatexto:

- “Depois, eu saí da escola.”
- “O Herculano é meu amigo, Zequinha.”
- “Herculano, professor de Português e escritor, sempre teve um amor muito grande pelas coisas aqui da roça.”
- “O Herculano é mais reservado, mas gosto dele e sei que ele também me considera muito.”
- “Mesmo a Alma, que não gosta de quase ninguém, tem carinho por ele.”

Os três primeiros períodos são **simples**, porque cada um apresenta apenas uma oração. O terceiro, apesar de ter muitas palavras e ser relativamente longo, tem apenas um verbo e, portanto, uma só oração.

Os dois últimos são períodos **compostos**. O quarto período apresenta os verbos **ser** (é), **gostar** (gosto), **saber** (sei) e **considerar** (considera). Quatro verbos, quatro orações. Como o último período tem dois verbos - **gostar** (gosta) e **ter** (tem) - também é um período composto.

1. Retire da Cenatexto dois períodos simples e dois períodos compostos, identificando as orações pelos verbos:

a) **Períodos simples:**

.....
.....
.....
.....

b) **Períodos compostos:**

.....
.....
.....
.....



Considerando o funcionamento da linguagem, o uso dos recursos sonoros da língua e a distribuição espacial das palavras, os textos apresentam-se sob duas formas: *prosa* e *verso*. Mesmo quem conhece pouco sobre eles, consegue distingui-los. Veja algumas das diferenças características entre a prosa e o verso:

Prosa

- Organização por parágrafos.
- Aproveitamento total da linha.
- Ritmo como elemento secundário.
- Menor utilização da sonoridade das palavras.
- Maior uso literal da linguagem.

Verso

- Organização em estrofes.
- Aproveitamento parcial da linha.
- Cuidado especial com o ritmo.
- Maior utilização da sonoridade das palavras.
- Maior uso figurado da linguagem.



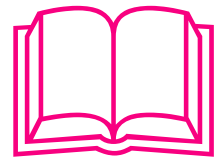
Observe os dois textos seguintes. No primeiro, temos um exemplo de linguagem em prosa, descrevendo a sombra e seus efeitos como fenômeno físico. No segundo, temos um texto em versos que canta a sombra em seu sentido cósmico, que transcende o físico. O poeta não tem como objetivo dar alguma informação ao leitor, e sim levá-lo a emoções e sensações estéticas. A prosa, por sua vez, trabalha com informações sobre fatos. A diferença entre os dois textos serve para mostrar como o poeta trabalha com as imagens e os sons das palavras.

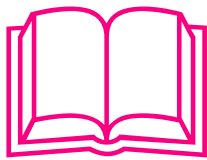
A sombra

A sombra é um fenômeno da natureza que ocorre pela interposição de um objeto opaco à luz do Sol ou de qualquer outra fonte luminosa. A sombra se dá como a projeção de um espaço sem luz no lado oposto à fonte de luminosidade.

Se fôssemos caminhar um dia inteiro em linha reta, teríamos, pela manhã, a sombra à nossa frente, ao meio-dia não haveria sombra, e à tarde a sombra surgiria e se estenderia atrás de nós. Quando a noite chegasse, tudo seria sombra, tudo seria escuridão.

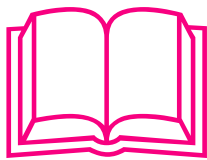
A sombra não é um objeto físico que se possa pegar com as mãos, tal como acreditam os bebês que ficam querendo agarrar a própria sombra. A sombra é apenas a projeção de ausência de luz.





Análise da sombra

*Analise-se da sombra
seu caráter permanente:
pela manhã retraindo
a imagem, à tarde crescente.*



*E aquele instante em que a sombra
adelgaça o corpo fino
como se no chão entrasse
quando o sol se encontra a pino*



*Quem a esse instante mira
em oposição ao lado
onde o sol era a luz antes
logo vê o passo vago*



*da sombra que agora cresce
o corpo de onde se filtra
até fundir-se no limbo
que em torno dela gravita.*



*Forma esse limbo a coroa
que as sombras traz federadas:
soma de todas as sombras
num só nó à noite atadas.*

Fonte: **Tambor cósmico**. César Leal. Rio de Janeiro, Editora Tempo Brasileiro, 1978, pág.112.

César Leal nasceu em Saboeiro, Ceará, no ano de 1924. Foi professor de Crítica e Teoria Literária na Universidade Federal de Pernambuco, onde fundou e dirigiu o programa de pós-graduação em Letras e Linguística. Jornalista do *Diário de Pernambuco* por mais de três décadas, mantinha uma página destinada à literatura nesse jornal. Escreveu vários livros de poemas e outros de crítica literária. Entre suas obras estão: (poesia) *Invenção da noite menor*; *Tambor cósmico*; *O triunfo das águas*; *Constelações*; *O arranha-céu*; (crítica) *Os cavaleiros de Júpiter*; *Palavra como forma de ação* e *Entre o leão e o tigre*.

